

ALFABETIZAÇÃO: O USO DE PROJETOS PARA ALFABETIZAR



EWERTON SIQUEIRA DE MELO

Professor de Educação Física Bacharel, efetivo nas Prefeituras de Poá e São Paulo. Pós-graduado, Pedagogo, Formação em História e Artes..

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada através de livros, artigos, onde podemos observar a importância da metodologia da alfabetização e leitura para o desenvolvimento, que traz o conhecimento a respeito da alfabetização e do letramento, a relação entre esses conceitos, o papel do professor no que tange repensar sobre o processo de ensino aprendizagem da linguagem escrita. A reconstrução da prática pedagógica, abordando as perspectivas teóricas e as práticas atuais para alfabetização. Por fim, evidencia-se a importância do trabalho com projetos pedagógicos na escola, facilitando o processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema Alfabetização: o uso de projetos para alfabetizar.

A alfabetização e o uso das práticas pedagógicas sobre a compreensão dos processos de alfabetização e letramento. Objetiva-se compreender como se procede na alfabetização e letramento, conceituando especificamente cada um desses processos educacionais. Entender até que ponto a alfabetização e letramento contribui como prática pedagógica e o papel do professor nesses processos tão distintos.

A escolha deste tema tem como objetivo de discorrermos sobre a alfabetização e letramento e o papel do educador no uso desta prática pedagógica, em buscar, pesquisar, estudar problemas

que podem ser vivenciadas em suas salas de aulas, e auxiliar este aluno em suas dificuldades, atendendo e respeitando as suas capacidades e seus limites, reconhecendo a necessidade de sua ajuda extra, no sentido da leitura e escrita. Motivou tal assunto, para evidenciar tal desconhecimento de professores sobre a alfabetização e letramento, ressaltando que são processos distintos mas que podem ser trabalhados juntos, para o sucesso na formação inicial dos alunos do ensino fundamental.

A metodologia empregada é de uma pesquisa bibliográfica, em sua parte teórica e constituída principalmente de dados recolhidos e analisados dos seguintes autores: Magda Soares, Emília Ferreiro, Paulo Freire, Ângela Kleiman, Ana Teberosky, dentre outros colaboradores.

Uma das maiores riquezas de um povo é a educação, uma alfabetização com qualidade, contudo vimos nas escolas a defasagem na educação, evasão escolar, fato que se torna preocupante para um país.

E este trabalho resultou de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e quantitativa, com relação a alfabetização nos anos iniciais, o letramento e as práticas pedagógicas.

As escolas do Brasil, formam alunos que mal conseguem ler e escrever, não sabem ao menos interpretar e produzir pequenos textos.

As práticas da sala de aula, quanto a alfabetizar letrando, são ações resultantes da objetividade da própria realidade, das relações contraditórias conflitantes e de transformação dos fenômenos sociais.

O professor e os alunos, as suas interações estabelecidas, a mediação, as conversas, as atividades, as diferentes formas de apropriação do conhecimento pela criança, diversas condições em que as crianças vivem, os interesses, as escolhas, as angústias, nesta lógica de pensar e entender a realidade.

A prática educacional é um trabalho com princípio educativo devendo ser uma práxis constante. Entendida no conhecimento da realidade, se dando nas articulações da dimensão prática com a dimensão teórica, de forma crítica, possibilitando alterar a realidade estabelecida.

Assim a prática da alfabetização é bastante complexa para assegurar a alfabetização com letramento; com esse grande desafio de os alunos se apropriarem do sistema alfabético ortográfico, com condições possibilitadoras do uso da língua nas suas práticas sociais de leitura e escrita. Cabe ao professor fazer a diferença, com seus métodos pedagógicos, que é possível alfabetizar letrando, e saber ler e escrever efetivamente é essencial para viver numa sociedade letrada, mas saber usar estes conhecimentos nas diferentes práticas sociais e nas relações entre os sujeitos são questões fundamentais no processo ensino aprendizagem, respeitando o conhecimento prévio de cada criança. Portanto, um recado ao professor, conforme Bossa (2007, p.18) “não desista de procurar respostas e principalmente não subestime a sua importância no processo ensino aprendizagem do aluno”.

A ORIGEM DA ALFABETIZAÇÃO

Constata-se que a necessidade da comunicação da humanidade no seu dia a dia, é que surgiu a escrita e a leitura, com a escrita o homem fez surgir o seu uso contínuo passando de geração a geração. E com essa necessidade surge a alfabetização, o processo inicial de transmissão de leitura e escrita. Segundo Cagliari:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários. (CAGLIARI, 1998, p.14)

Nisto surge as regras da alfabetização, Cagliari (1998, p.15) dispõe: "o longo do processo da invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente".

O sistema de escrita alfabética, Ferreira (2001, p.22) afirma que: "é recente a tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial como a única solução real para o problema de alfabetização remediativa (adolescentes/adultos)". A necessidade de várias notações da escrita, para elaborar a noção de unidades da linguagem para se entender a pauta sonora e as partes escritas, pressupõe as relações de ordem termo a termo.

No surgimento da escrita, pouco houve de importante, pois a necessidade do domínio era menor; ensinava-se o básico para a dialógica pela leitura e escrita, isto acontecia:

Nessa época de escrita primitiva, ser alfabetizado significa saber ler e que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repedindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto (CAGLIARI, 1998, p.14).

E antigamente havia apenas um modelo padronizado e mecânico de cópia da leitura, Cagliari afirma que:

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiado. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização. (CAGLIARI, 1998, p.15)

E muito mais tarde a leitura/escrita, o processo de alfabetização chega ao Brasil com os jesuítas, Paiva afirma que: Desde que chegaram ao Brasil, os jesuítas estabeleceram escolas e começaram a ensinar a ler, a escrever, e a contar e cantar. (PAIVA, 2003, p.43)

Acontecendo que os professores ensinavam de forma mecânica, contribuindo para a defasagem das crianças nas séries iniciais, Ramos escreveu:

Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes da primeira e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituasse às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutecesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. (RAMOS, 1953, p.102)

Neste apontamento, podemos verificar que a alfabetização se deu prejudicial, foi ensinado de forma mecânica e tradicional, e infelizmente existe em alguns lugares do Brasil, a mudança se faz necessária, com bastante trabalho. Com reflexões podemos como docentes mudar este quadro, com nossa prática. a pedagógica, para que não haja um distanciamento entre aluno/professor, conforme Garcia (1993):

Quando a criança chega à escola regular, o quadro se altera substancialmente. A rodinha é desfeita, as carteiras são enfileiradas, a fala é monopolizada pela professora que segue à risca o conteúdo da cartilha e do manual. Sem que se dê conta disso, a professora que silencia a criança é igualmente silenciada: sua voz se faz instrumento da fala de outro, a do autor da cartilha ou do livro didático. (GARCIA, 1993, p.18)

Temos que observar como o processo de alfabetização e letramento são abordados, especialmente nos anos iniciais, pois influenciam significativamente no desenvolvimento infantil.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SEGUNDO TEÓRICOS

Segundo Soares:

Alfabetização etimologicamente significa: levar a aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever, sua especificidade é a aquisição do código alfabético e ortográfico através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. (SOARES, 2007 p.12)

No Brasil a alfabetização ganha força, com a Proclamação da República e a institucionalização da escola e com o intuito de tornar as novas gerações aptas a ordem política e social.

Contudo temos no Brasil, a qualidade da educação básica, principalmente a dos anos iniciais no ensino fundamental, e são evidentes a baixa qualidade conforme os índices de fracasso, evasão escolar, que nunca deixaram de se perpetuar.

Artigos tentam indicar possíveis causas desta baixa qualidade, e a culpa no método utilizado, no aluno com dificuldades, a má formação acadêmica, as condições sociais desfavoráveis e outras coisas diversas.

Contudo todos esses estudos foram importantes, para se caracterizar a qualidade da educação, a escola com sua influência na sociedade, mas também por ser influenciada, um conjunto de possíveis causas no entorno da escola, que afetam o ensino-aprendizagem. Hoje, os fatores que influenciam o ensino-aprendizagem, estão ligados a especificidade da alfabetização, a compreensão equivocada dos docentes, das teorias e metodologias, em contraposição ao tradicional, e sua grande influência que é a alfabetização e letramento. Segundo Soares (2003), no seu artigo Letramento e Alfabetização: as muitas facetas:

[...] no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, [...] o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização [...] (SOARES, 2003, p.8).

Reconhece-se a importância de algumas práticas pedagógicas na escola, como as facetas da alfabetização, de acordo com Soares, como os equívocos do construtivismo que foram ajustados muitos aspectos tidos como essenciais, assim como a utilização nas escolas de um processo

de alfabetização significativa e letramento oriundos do mundo da criança. Segundo Saviani, no seu livro *Escola e Democracia* (2008), com aspectos da escola tradicional e da escola nova.

Na sua teoria da curvatura da vara, mostra que a educação tem mais qualidade, a "vara" deve permanecer reta, e não curvada para a teoria nova, tão pouco para a tradicional, mas alinhada. Argumenta ainda que a pedagogia comprometida com a qualidade da educação, volta-se para a transformação social, com aspectos positivos e relevantes, e o ponto de partida é a prática social transformadora. E a alfabetização e letramento se fundem não se confundam, necessita acontecer de maneira relacionada, e a prática educativa seja uma aliança entre alfabetização e letramento, não perdendo sua especificidade de cada processo, sempre associando para que as crianças interiorizem bem e cada vez melhor sua formação.

O letramento, conforme Soares (2003), é de uso ainda recente com significado de processo de relação das pessoas com a cultura escrita. E cada criança tem contato com o mundo letrado, se reconhecendo pouco a pouco conforme sua realidade cultural. E nem sempre o ato de ler e escrever garante que a criança compreenda o que lê e o que escreve. E se reconhece realizando uma leitura crítica da realidade, respondendo satisfatoriamente as facetas culturais e sociais. De acordo com Soares:

Entretanto o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retomo à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele (SOARES, 2003, p.11)

Dialeticamente fica explícito que o homem antes mesmo de aprender a escrita, aprende o mundo a sua volta, o meio em que ele está inserido, e faz a leitura crítica desse imenso mundo material, sendo errado dizer que uma pessoa é iletrada, mesmo não sendo alfabética, ela desde cedo reflete sobre as coisas. Letramento está inserido intimamente ligado as práticas sociais, em que vive, fazendo da alfabetização uma prática individual de cada um e do letramento uma prática mais ampla e social.

E tendo destaque o professor, nesse processo, devendo acreditar promovendo a construção de pensamento crítico em si próprio e seus alunos, o letramento sendo uma forma de entender a si e aos outros, desenvolvendo sua capacidade com fundamentos e discernimentos, em relevância ao mundo e situações de opressão (FREIRE, 1996).

Alfabetização e letramento não se distanciam, nem mesmo separa-se, pois a entrada da criança no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita, a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

Esses processos não são independentes, mas interdependentes, em que a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, em dependência da alfabetização.

Na concepção atual, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simul-

tâneos, que até permite optar por um ou outro termo como sugere Emilia Ferreiro (revista Nova Escola n.162, 2003, p.30) em que rejeita a coexistência dos dois termos, com o argumento de que em alfabetização estaria compreendido o conceito de letramento, ou vice-versa, em letramento estaria compreendido o conceito de alfabetização, o que seria verdade, desde que se convencionasse que por alfabetização se estaria entendendo muito mais que a aprendizagem grafo fônica, ou que letramento se estaria incluindo a aprendizagem do sistema de escrita.

O PAPEL DO PROFESSOR

O professor como mediador do conhecimento, tem um papel primordial na formação da criança no processo ensino aprendizagem; segundo Moraes (2005), afirma que para se desvendar esse enigma do funcionamento do sistema de escrita alfabética, deve haver uma reconstrução mental, compreendendo os seguintes pontos:

1. Escreve-se com letras, estas não são inventadas, letras, números e símbolos são diferentes;
2. As letras têm uma topologia fixa, mas os formatos podem variar;
3. As combinações de letras são permitidas, quais dessas letras podem combinar entre si e quais posições podem ter na palavra;
4. Têm valores sonoros fixos convencionalizados;
5. Alguns sons são notados com diferentes tetras (MORAIS, 2005, p.33)

Cabe ao professor se aprofundar nesses parâmetros, é importante ressaltar que são questões conceituais, demandam um percurso evolutivo, cognitivo e metacognitivo da criança, a partir da interação com o meio em que está inserida.

E a alfabetização é um processo e construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, a criança precisa participar de situações desafiadoras, que o professor oportunize a reflexão sobre a língua escrita.

E por meio da interação com o meio em que está inserida, a criança e o objeto de conhecimento irá construir hipóteses de forma progressiva, especificidades no processo de alfabetização que podem ser enriquecidas.

O convívio com o material escrito, oportunizado pelo professor é necessário, com uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, com textos reais de vários gêneros do seu dia a dia. Soares afirma que: "a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento" (SOARES, 2003, p.16)

Na educação atual é do letramento, pode ser entendido como "o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais (SOARES, 2004, p.24).

E o letramento pode ser definido como "o uso pelo indivíduo de informações impressas e escritas para inserir-se na sociedade, para atingir suas metas pessoais e desenvolver seu conhecimento e potencial"(KIRSCH & JUNGEBLUT, 1990 apud SOARES, 2004, p.109), valorizando o

aspecto qualitativo que esse conjunto de práticas sociais representa ao sujeito.

O professor deve preocupar-se com a aquisição do sistema de escrita, a escola proporcionando atividades que vissem o letramento, como construção de bilhetes, escrever carta, responder formulários, ler jornais, revistas e livros, coisas que fazem parte do cotidiano da sociedade e da criança, pois a alfabetização só tem sentido desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2004 p.32).

O letramento para o professor deve ser uma escolarização real e efetiva da população e disponibilizar materiais diversificados de leitura. Segundo Freire, utilizou o termo alfabetização com um sentido aproximado de letramento, para designar uma prática sociocultural de uso da língua escrita transformando ao longo do tempo, podendo ser libertadora.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1987, p.08)

De acordo com Kleiman: Letramento é "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos" (KLEIMAN, 1995, p.19)

E o professor de ter o conceito de que o letramento é mais amplo que a alfabetização, isto é o letramento inclui o domínio das convenções da escrita, o impacto social que dele advém. Soares no seu livro "Letramento um tema em três gêneros" (2004) dispõe esse conceito com o objetivo de esclarecer o seu significado, uma interpretação de que o letramento altera as condições cognitivas, pensa diferente, adquire habilidade metacognitiva, políticas e sociais, relaciona-se diferente no contexto cultural, e linguísticas, passa a se expressar de modo diferente e utiliza a linguagem em suas diversas possibilidades, do indivíduo remetendo a duas dimensões do letramento, uma individual e social. A individual refere aos processos e habilidades cognitivas e metacognitivas da leitura e escrita, Soares faz uma observação importante:

"ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tomar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua "propriedade" (SOARES, 2004, p.39)

A social aborda Soares, considera o mesmo numa prática social, isto é, o uso que as pessoas fazem com as habilidades e escrita em um determinado contexto, relacionando com suas necessidades, intenções e valores. De acordo com Soares:

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania. (SOARES, 2004, p.74)

PROJETOS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Segundo Moura e Barbosa, 2006, "(...) observamos que um projeto tem origem em problemas, necessidades, vontades e expectativas que levam a uma avaliação inicial e definem os objetivos do projeto.

São esses objetivos que permitem o estabelecimento de metas e a construção de um plano de ação. Para atender os objetivos do projeto, duas dimensões estão presentes no seu delineamento: planejamento e gestão, sendo que “Gestão” não se restringe à mera execução do que está previsto no planejamento, “[...] pois, além de corrigir eventuais desvios em relação ao planejado, a gestão pode introduzir modificações no planejamento inicial, em função de necessidades observadas durante a execução” sendo assim, a elaboração de projetos não é um processo dissociado da ação, pelo contrário, significa uma ação mental anterior à organização de esforços e condições para sua implementação, mesmo porque os projetos só têm significado se traduzidos em realidade.

A “Pedagogia de Projetos” possibilita que o professor promova a verdadeira inclusão de alunos na escola porque investe na diversidade e no potencial de cada aluno, visando uma sala de aula desafiadora e interdisciplinar.

A organização do processo ensino-aprendizagem, por meio de projetos temáticos, supõe uma forma diferenciada de produção, apropriação e socialização de conhecimentos, na qual os limites entre áreas curriculares se tornam menos relevantes.

Os projetos didáticos devem ter objetivos comuns, traduzidos em temas ou problemas, que exigem um encaminhamento colaborativo e globalizante, e não individual ou fragmentado. É um empreendimento com objetivos bem definidos em função de problemas, necessidades, oportunidades, ou interesses de uma organização ou grupo de pessoas, com a finalidade de planejar e coordenar ações voltadas para melhoria de processos educativos em seus diferentes níveis e contextos.

Os projetos educacionais ultrapassam os limites das escolas, universidades ou sistemas educacionais

TIPOS DE PROJETOS EDUCACIONAIS

Projetos de intervenção: são projetos desenvolvidos no âmbito de um sistema educacional ou de uma organização, com vistas a promover uma intervenção no contexto em foco, através da introdução de modificações na estrutura (organização) e/ou na dinâmica (operação) do sistema ou organização tendo em vista a melhoria de seu desempenho em função de problemas que resolve ou de necessidades que atende. Este tipo de projeto ocorre também em outras instituições e contextos, tais como: setor produtivo, comercial, etc.

Projetos de Pesquisa: São projetos que têm por objetivo a obtenção de conhecimentos sobre determinado problema, questão ou assunto, com garantia de verificação experimental (existem diversos tipos de projetos de pesquisas, próprios dos setores acadêmicos e de instituições de pesquisa, que podem ser estudados à parte através de uma literatura rica e abrangente) **Projetos de Desenvolvimento (ou de Produto)** São projetos que ocorrem no âmbito de um sistema ou organização com a finalidade de desenvolvimento de novas atividades, serviços ou produtos. Exemplos de projetos deste tipo são: desenvolvimento de novos materiais didáticos: desenvolvimento de nova organização curricular: desenvolvimento de um novo curso: desenvolvimento de softwares educa-

cionais. etc (este tipo de projeto é muito comum também em outras organizações

Projetos de Ensino: São projetos elaborados dentro de uma (ou mais) disciplina(s), dirigidos à melhoria do processo ensino-aprendizagem e dos elementos de conteúdos relativos a essa disciplina (este tipo de projeto é próprio da área educacional e refere-se ao exercício das funções do professor.

Projetos de Trabalho (ou de Aprendizagem): São projetos desenvolvidos por alunos em uma ou mais disciplinas, no contexto escolar, sob orientação do professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências específicas. São conduzidos conforme a Metodologia de Projetos ou Pedagogia de Projetos. Enquanto os projetos de ensino são executados pelo professor, os projetos de trabalho são executados pelos alunos sob orientação do professor.

Trabalhar com projetos na educação é um excelente recurso de aprendizagem. Faz parte da cultura de projetos para promover o sucesso escolar, entre outros: a aprendizagem ocorre no processo e não envolve somente conteúdos; as ações e os conhecimentos são discutidos entre professores e alunos, oportunizando aos alunos o planejamento que visa intervenções, e a aprendizagem está vinculada ao “saber”, “saber fazer” e “saber ser e conviver”.

O papel da escola frente às novas demandas sociais, culturais e econômicas é de que a escola deve colocar-se a serviço do desenvolvimento de relações verdadeiramente democráticas.

Nas últimas décadas temos assistido a um movimento de incentivo à informação continuada de professores.

Especialmente na década 90, a formação de professores tem sido entendida como um “continuum”, ou seja, um processo que ocorre no decorrente de todo o percurso profissional do educador .

Maria da Graça Nicoletti Mizukami (2002) Explica que essa concepção amplia a ideia de formação como momentos são sinônimos (...)de eventos –em geral ,cursos de curta duração – a título de reciclagem ou de capacitação. (p.13).

Essa concepção se apoia no modelo de formação baseado na racionalidade técnica, que passou a prevalecer nas sociedades indústrias em processo de modernização.

A prática docente nesse caso,segundo o professor Angel Perez Gomes (1995), consiste na solução técnicas de problemas, utilizando-se (...) da aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas .(p. 96).

Observa-se uma cisão entre pesquisadores, especialista em relação aos consumidores / executores.

No Primeiro caso, eles produzem conhecimento e, elaboram propostas, planos e programas;

No segundo, executam os conhecimentos e ações produzidas e planejadas pelos pesquisa-

dores, especialista.

No entanto, é consenso que o ensino tem uma dimensão crítica e, portanto,

(...) “O professor considerado um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática cotidiana para compreender tanto as características dos processos ensino- aprendizagem quanto do contexto em que ensino ocorre, de modo que sua atuação reflexiva facilite o desenvolvimento autônomo e emancipador dos que participam no processo educativo”. (PEREZ-GOMEZ, 1998 p.73).

No que diz respeito às práticas de formação continuada à professora Vera Maria ferrão Candau (1996) destaca a necessidade de considerar as diferentes etapas desenvolvimento profissional. O que isso significa? Significa que não se pode tratar do mesmo modo o professor em fase inicial do exercício profissional, aquele que já conquistou uma ampla experiência pedagógica e aquele que já se encaminha para aposentadoria; os problemas, necessidades e desafios são diferentes e os processos de formação continuada não podem ignorar essa realidade promovendo situações homogêneas e padronizadas, sem levar em considerações as diferentes etapas do desenvolvimento profissional (p.143).

PROJETOS DE LEITURA

Os educadores, atualmente, convivem com uma questão preocupante em relação aos discentes: o desinteresse pela leitura. Uma pesquisa apresentada por Cunha (1993, p.9), já em 1983, dava conta de que os alunos preferiam televisão, cinema e teatro, deixando a leitura em último lugar. Constatou-se, ainda, que eles não tinham biblioteca em casa (mesmo os de bom nível econômico) e nem mesmo a metade tinha fichas ou cadeirinha nas bibliotecas públicas ou escolares. Estes resultados serviam para exemplificar a gravidade da situação. Hoje, em tempos de maiores e mais intensos apelos para o afastamento da reclusão, do silêncio e da reflexão exigidos pela leitura, sobe e muito o nível de preocupação com o assunto. O consumo em shopping centers, os fascinantes jogos no computador, as festas e passeios, a pouca exigência social de conhecimento sólido e de informação estão produzindo uma geração de jovens e crianças alienados da cultura veiculada pelos livros e avessos à leitura de textos, mesmo básicos e de pouca extensão.

A relação entre literatura e a escola tem sido muito intensa, desde a criação da escola burguesa no século XVIII, até os dias de hoje. Diversos estudiosos defendem o uso do livro em sala de aula, e, atualmente, o objetivo não é apenas o de transmitir os valores que regem a vida em sociedade, mas, também, o de propiciar uma nova visão da realidade. Convém lembrar que os primeiros livros infantis foram escritos para adultos e, mais tarde, por pedagogos e professores, com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia.

A tarefa de instigar na criança o hábito da leitura é um trabalho que exige competência. Nesse trabalho, o professor precisa capacitar para a escolha e a qualidade da leitura e é obrigado a enfrentar problemas de natureza diversa, como o desinteresse dos adultos envolvidos e comprometidos, como professores, bibliotecários, pais, por ignorância do problema, o contexto socioeconômico e todas as suas implicações, toda essa complexidade de fatores e contingências constitui barreiras difíceis de transpor, e até intransponíveis (CARVALHO, 1982, p.196).

Visto isso, o professor deve procurar tornar a leitura interessante, aos olhos da criança, como fonte de surpresas e descobertas. Para Bárbara Carvalho "o enfoque crítico, e reflexivo deve ser observado, desde o início, das pequenas narrativas. (CARVALHO, 1982, p.197).

Para selecionar-se um bom poema, a ser levado à criança, ele não deve comprometer-se com aspectos outros que não a própria transmissão da sensibilidade, da emoção do poeta. O poema, portanto, não precisa ter o tom de conselho, ou insistir em transmitir conhecimentos. Terão mais condições de interessar as crianças os poemas em que predomine a fantasia, a musicalidade e a imaginação. Quanto menos conceituais, mais atenderá ao espírito infantil. Quanto aos temas, talvez se devam evitar os poemas que apresentem uma visão triste e pessimista da vida. Situações complexas ou paradoxais também não têm sentido para a infância. Embora, algumas obras, sejam poemas ou narrativas, venham trabalhando e discutindo problemas existenciais, de uma maneira muito sutil e interessante para a criança, com temas delicados como a morte, a separação dos pais, a falta de diálogo.

O mais importante, com efeito, é o contato agradável da criança (ou adolescente) com o poema. E acreditamos que o excesso de atividades (ou a repetição delas) pode ser prejudicial ao poema, fazendo-o desaparecer no meio de tanta coisa. Imaginamos, mesmo, que em algumas ocasiões nenhuma atividade marcada deve ligar-se ao texto poético. O professor pode, por marcada deve ligar-se ao texto poético. O professor pode, por exemplo, afixar na sala, semanalmente, um bom poema, e não o utiliza em momento algum de aula. Está colocando a criança em contato com a poesia... quando o poema nos parece de difícil exploração ou leitura, essa é uma boa saída, quando as crianças já leem.

Em geral, no entanto, o poema será ouvido. Esse primeiro contato com o texto é especialmente importante: dele, basicamente, depende a reação do aluno ao poema. Por isso, a leitura deve ser expressiva. Pode ser feita pelo professor, depois de treinar a leitura. Se o professor não se considerar "bom intérprete" do poema, recorra a fitas gravadas com alguém que leia bem. E há discos (CD's) de poemas, com boas interpretações (CUNHA, 1976, p.46).

Além dessa leitura, com alunos maiores, é interessante realizar a leitura criticada. Essa técnica propicia a formação do espírito crítico e do respeito à crítica, por intermédio de estudos minuciosos da linguagem dos textos.

A manipulação lúdica dos sons da língua pela criança e a fruição do sonoro, independente do significado, constituem-se parte fundamental do desenvolvimento linguístico e da atração por textos poéticos.

Ler é aventurar-se a crescer. Por isso, a aventura da criança deve ser uma aventura livre e descomprometida com o adulto. Nada é mais desagradável e indigesto do que certos livrinhos de Literatura Infantil, equipados de eficientes questionários para cobrança. Cada livro desses é um fiel cobrador da criança, que, pensando ter realizado uma leitura livre de imposições didáticas sistemáticas, se sente lograda (CARVALHO, 1982, p.197)

Mas a leitura pode e deve ser cobrada, através de diálogo, em grupo, numa conversa informal, descomprometida, em que a criança se sinta um leitor e não um examinando. Para que, desta forma, essa leitura não passe de uma fase, mas sim, transforme-se num hábito, melhor ainda, numa necessidade, numa curiosidade permanente.

Outro aspecto muito importante a ser observado pelo professor é se a criança realmente tem condições de ler, pois se ela não estiver em condições de ler corretamente, a leitura constituirá

uma frustração que levará ao desestímulo irreversível. Para a produção de um projeto de leitura, o professor poderá apoiar-se em filosofias educacionais.

Para Freinet, as mudanças necessárias e profundas na educação deveriam ser feitas pela base, ou seja, pelos próprios professores. A escola, por ele concebida, é vista como elemento ativo de mudança social e é também popular, por não marginalizar as crianças das classes menos favorecidas. Propõe o trabalho/jogo como atividade fundamental. Dá grande importância à participação e integração entre famílias/comunidade e escola, defendendo o ponto de vista de que "se se respeita a palavra da criança, necessariamente há mudanças". Algumas técnicas da pedagogia de Freinet: o desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, a correspondência interescolar, o jornal, o livro da vida (diário e coletivo) o dicionário dos pequenos, o caderno circular para os professores, etc. Essas técnicas têm como objetivo favorecer o desenvolvimento dos métodos naturais da linguagem (desenho, escrita, gramática) da matemática, das ciências naturais e das ciências sociais. Porém, essas técnicas não são um fim em si mesmas, e, sim, momentos de um processo de aprendizagem, que, ao partir dos interesses mais profundos da criança, propicia as condições para o estabelecimento da apropriação do conhecimento. O projeto de leitura na escola deve possibilitar a indagação, pesquisa, criação, de maneira que a literatura venha a ter uma função atual, verdadeira recreativa e estética, social renovadora, entre as atividades da criança e do adolescente. O professor deve observar, ainda, a situação socioeconômica da família dos alunos e as condições materiais da escola em que atua, seja no acervo da biblioteca, seja em espaços e apoio estratégico (equipamentos, materiais de consumo). Em qualquer circunstância, os projetos necessitam de entusiasmo, tanto de professores quanto de alunos, de uma boa base de recursos materiais e, sobretudo, de sólida teoria educacional, para que não se transformem simplesmente em ativismo sem rumo.

A BIBLIOTECA ESCOLAR

As bibliotecas existem desde que o homem transmite suas ideias para um objeto concreto, seja a madeira, o papiro, a argila, a pedra ou o papel. De acordo com historiadores, os escritos surgiram no Oriente e, com eles, as bibliotecas. As mais antigas guardavam pergaminhos e manuscritos. Destacam-se como as mais notáveis e célebres as de Pérgamo e a de Alexandria, no antigo Egito, com cerca de 700 000 rolos de papiro, selecionados por filósofos, matemáticos e pesquisadores de diversas áreas, que traduziam para o grego os conhecimentos de várias culturas.

A biblioteca instaurou uma nova escritura científica "começando a alterar a situação anterior de lugar depósito, destinado a acolher somente livros religiosos e inventários de bens dos reis." (NÓBREGA, 2002, p.122)E, influenciou os modos de escrita e leitura.

Na história das bibliotecas, destacamos que "Paulo Emílio é o nome do primeiro fundador de uma biblioteca, em Roma. Os romanos conservavam as bibliotecas proibidas ao público até o reinado de Augusto. Cabe a César a iniciativa das bibliotecas públicas." (CARVALHO, 1982, p.306)

No século IV, Roma já possuía 28 bibliotecas públicas. Essa história apresenta o fato lamen-

tável de, habitualmente, as bibliotecas haverem sido destruídas e reduzidas a cinzas em guerras, seja por bárbaros ou por cristãos revoltados contra os pagãos. Não se encontram registros de bibliotecas infantis, pois a criança não tinha ainda relevo, nem mesmo existência simbólica, na sociedade do tempo. Na etimologia, biblioteca vem do grego *biblion* = livro e *théke* = caixa, armário.

Aos poucos, com a multiplicação dos livros, as transformações das ciências, literatura e artes, a diminuição do analfabetismo e o surgimento de universidades, as bibliotecas passam a ser um centro de divulgação de conhecimento e não mais um depósito. Junto com a imprensa, a biblioteca vai tornando-se um lugar de acesso às informações.

A iniciação do contato com a biblioteca deveria ocorrer desde cedo, mesmo antes de frequentar a escola. Durante as férias, a biblioteca escolar deveria proporcionar o encontro entre as crianças, estimulando-as a participarem na organização e seleção do material, na arrumação e no funcionamento dela. O bibliotecário deveria reunir-se periodicamente com o pessoal que atua na escola, para a avaliação da atuação desenvolvida e planejamento dos futuros trabalhos. A biblioteca pública infantil, escolar ou não, deveria ser uma casa e não um depósito de livros, pois, assim, passaria a fazer parte do dia a dia das crianças. Deveria ser animada por contadores de histórias, representações teatrais, com histórias relacionadas aos livros da biblioteca. As atividades da biblioteca devem atender às necessidades da criança, e cabe ao bibliotecário despertar e iniciar as atividades a serem desenvolvidas em local apropriado. Além de se tomar um ambiente de trabalho e entretenimento, a biblioteca poderia propiciar o despertar do usuário para o conhecimento e admiração de outras artes.

A apresentação da biblioteca é muito importante; os alunos de todas as séries, levados à biblioteca, devem ser recebidos através de uma apresentação descontraída, afetuosa e, ao mesmo tempo, informativa. Esses leitores podem ser cativados e despertados seus interesses através de painéis, jornais (muais ou impressos) entrevistas. A biblioteca pode expor: histórias em quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis, anúncios, classificados, canções, poesias, quadrinhas trava-língua, lendas populares, folhetos de cordel.

Uma outra sugestão é a hora do conto. Essa atividade atrai principalmente o aluno menos interessado pelo livro, pois, ao ouvir um contador, perceberá sua expressão facial, compreenderá mais facilmente os significados, as personagens e as situações narrativas. Outras sugestões de atividades são a presença e conversa com autores de livros infantis, o conversar sobre livros, a organização de exposições, passeios turísticos orientados às estantes, reprodução ou reelaboração de livros a partir de leituras realizadas e comentadas. Participando das atividades da biblioteca, a criança poderá ser beneficentemente influenciada para tornar a leitura uma necessidade vital. Um meio de levar as crianças ao livro é espalhá-los sobre a mesa, em grande número.

O bibliotecário pode dizer algumas palavras sobre cada o livro, em seguida, os próprios alunos os folheiam. Também se pode criar a biblioteca de classe. A criação de uma estante em sala de aula, em que cada aluno cederia um ou dois livros, formando o acervo da classe, que funcionaria através do sistema de empréstimo. Através do revezamento, um aluno controlaria as saídas e devoluções. Assim, mesmo a escola que não possua biblioteca, poderia ter, em ambiente escolar, uma biblioteca. Sua informalidade atrairia a criança para o contato imediato com os livros, sem in-

mediação do adulto.

Pode-se solicitar a instalação ao Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, existentes nas bibliotecas públicas municipais ou estaduais. Uma pessoa indicada é treinada para serviço de empréstimo, sendo avaliadas as dificuldades e resolvidas pelo responsável da caixa-estante. O acervo é renovado após um período que permita que todas as obras sejam conhecidas pelos leitores. Entre todas as atividades na biblioteca, deve-se visar: discussões, reflexões, debates, planos, sonhos, democratizando o espaço e o tempo, aos vários pontos de vista, oportunizando a circulação dos diversos saberes. O caráter impositivo e obrigatório pode, algumas vezes, afastar o leitor. Em contrapartida, crianças e adolescentes manifestam interesse, criatividade, reflexão e posicionamento crítico, quando podem escolher livremente seu livro. As experiências extraescolares são uma alternativa de proporcionar o contato espontâneo com os livros.

A AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DE FORMAÇÃO DE LEITORES

A leitura tem sido discutida intensamente, ao longo dos tempos, pois com ela há a possibilidade de conhecer-se outras realidades e, principalmente, ampliar-se e desenvolver-se o conhecimento a respeito do mundo e de si mesmo. Para tanto, faz-se necessário continuidade, curiosidade e gosto, qualidades que possibilitam uma leitura com prazer e não por obrigação. Convém insistir na importância da leitura, dado que ela realiza um encontro indispensável do sujeito-leitor com a tarefa de reflexão e crítica, fato que está sendo deixado de lado pela sociedade, principalmente, numa época de mundo virtual e de consumismo desenfreado. Ou seja, está sendo perdido o gosto pelos livros, já que, crianças e jovens consideram muito mais fácil o uso do computador, o acesso à internet e todos os meios de comunicação de massa como rádio, TV e cinema.

Muitos fatores acabam por dificultar a leitura. No Brasil, por exemplo, o baixo poder aquisitivo, o alto custo dos livros, poucas bibliotecas e a carência de boa leitura nas escolas fazem com que crianças e jovens — futuros adultos — não se interessem por ela.

Ou seja, o desenvolvimento da humanidade passa a ser freado, devido a essa falha cultural, pois, a leitura reveladora da palavra e do mundo constitui-se mais um instrumento de combate à ignorância e à alienação, como calculadas e impostas pelo regime de dominação (GRIGOLETTI, 1995, p.7).

Na verdade, todos podem contribuir para o conhecimento através das leituras, ao contrário daqueles que acreditam que somente os professores são os responsáveis por esse assunto.

A família é a primeira a impulsionar o gosto pela leitura, com literatura infantil oral e as cantigas. É importante esse primeiro contato, que muito ajudará a criança a interessar-se pela escola. Nela, os professores farão a parte que lhes compete, ou seja, dar a sustentação dessa aprendizagem. Os professores precisam, primeiramente, gostar de ler, para poderem passar a esses futuros leitores uma boa imagem da leitura.

Bamberger afirma que o desenvolvimento e hábitos permanentes de leitura são um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida a fora, através das influências da atmosfera cultural e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públi-

cas (2000, p.14).

Muito se tem falado sobre a importância e o impulso que os projetos de leitura podem dar para desenvolver o gosto e a aprendizagem da leitura. Os projetos podem e devem integrar o aluno ao seu próprio conhecimento e, o mais importante, é que professores, escola e comunidade em geral também se tornem partícipes e influenciadores dessa aprendizagem, no caráter de aprendizes e, não mais, detentores do saber. É o chamado ensino-aprendizagem, decretado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer certas metas e atitudes do grupo envolvido, visando sempre a qualidade da aprendizagem e uma preparação do aluno para a vida. Ou seja, a leitura não deve interromper-se quando este aluno sair da escola, mas devem ser criadas condições inconscientes que lhe tragam o interesse para este mundo, em todos os lugares e funções nos quais estiver inserido. Em geral, os projetos surgem da necessidade e da carência de tratar determinados assuntos no contexto social, político e econômico. Daí surge, também, a importância de desenvolver projetos ligados à comunidade, visto que, atualmente, responsabilizar tão somente os professores pelo ensino é atitude descomprometida com a formação de novos leitores.

No desenvolvimento de projetos, a primeira atitude é, sem dúvida, o planejamento, verificando a quantidade de pessoas envolvidas e disposição de recursos para tal. Naturalmente, cada membro envolvido possui ideias próprias e imagina ações que pretende realizar, facilitando a execução das tarefas do coletivo, desde que harmonizadas com vistas a objetivos comuns. Buscar parcerias para viabilizar o trabalho: a diretoria da escola, as famílias dos alunos, as pessoas do bairro em que a escola se localiza e tantos outros. Feito o planejamento, busca-se a escolha do tema, o que, neste caso, implica intensivamente a leitura de bibliografia norteadora e esclarecedora. O terceiro passo é a problematização, considerando nela todas as certezas, crenças, conhecimentos, repertórios e atividades pertencentes ao grupo e, principalmente, aos educandos. Estabelecer questões para o assunto a ser desenvolvido é a chave para um bom projeto. Por exemplo: A internet está trazendo boas influências para os alunos? A televisão tem colaborado para o conhecimento? Além de outras que sejam pertinentes ao tema proposto, o da formação de leitores críticos, pois se vê uma grande necessidade dos educadores direcionarem de outra forma a leitura nas escolas, pois, infelizmente, é comum ouvir de alunos o desgosto pela leitura e, conseqüentemente, a incoerência dos textos redigidos por eles.

É necessário, portanto, fazer com que esse aluno (e, também os outros membros envolvidos do grupo) perceba que, através da leitura, está sendo formada uma visão global e constante. Mais do que em outros projetos, a leitura requer muita pesquisa e confronto de ideias para que se possa chegar a possíveis soluções de problemas.

Entretanto, vale ressaltar que um bom leitor não quer dizer, somente, leitor alfabetizado; o segredo está em como esse leitor está encarando a leitura, como forma de aprimoramento pessoal, ou seja, é necessário que, através das leituras, o leitor passe a tornar-se crítico, pois "... a leitura está diretamente relacionada à elaboração de sentidos produzida pelo leitor que, por sua vez, os elabora de acordo com o contexto cultural que o circunda" (PEREIRA, 2001, p.108).

O educador, segundo os membros do CDI (Comitê para Democratização da Informática) que também trabalham com a Pedagogia de Projetos, "vai criar propostas de trabalho para além da Instituição de Ensino, integrando o uso das bibliotecas, jornais, revistas, internet, entrevistas com pessoas da comunidade e a vinda de pessoas de outros lugares para troca de ideias e experiências sobre o tema em questão. Isto é, trazer para dentro da sala leituras de mundo, possibilitando um outro olhar mais reflexivo, que entende o mundo como um processo em constante transformação e que é necessário compreendê-lo para poder sobre ele atuar"(PEREIRA, 2001, p.108).

Após a pesquisa, busca-se a sistematização dos conhecimentos adquiridos no processo, levando-se em conta a importância do 'novo', para todos os membros da equipe. Julga-se importante, após o grande trabalho, a divulgação do resultado, até mesmo como incentivo a todos os responsáveis pelo projeto. Divulgar através de boletins informativos, elaboração de cartazes e cartas às autoridades convidando-as para prestigiarem o projeto. São formas de concretizar, ainda mais, o projeto, mostrando o valor, nesse caso, da leitura na sociedade e no mundo todo. Traçados os objetivos, no início, com o planejamento e, agora, ao fim, já com a divulgação, chega o momento da avaliação do projeto, considerando o processo por completo. Ou seja, se as metas e ações previstas foram exatamente completadas.

A escola entra como divulgadora do projeto à comunidade e auxiliadora dos meios físicos e organizacionais. A comunidade como incentivadora. O educador como atuante direto da concretude dos objetivos e, os educandos, por fim, serão avaliados no interesse e pré-disposição à leitura desenvolvida. Portanto, o CDI vai afirmar que "a avaliação do educando contempla o processo, o produto e as ações comunitárias" (PEREIRA, 2001, p.110).

Deve-se estar atento, principalmente, para o primeiro aspecto do projeto, o planejamento, pois é relevante para seu desenvolvimento. Prever a colaboração do aluno no processo ensino-aprendizagem, ou seja, conscientizá-lo de que ele pode desenvolver a leitura para além da sala de aula. Esse saber contribuirá decisivamente para toda a sua vida, dando-lhe a ferramenta do progresso pessoal e profissional: a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já dito a educação é um dos requisitos mais importantes para a construção de uma sociedade democrática e desenvolvida. O conhecimento torna-se um alicerce necessário para inserir e manter os indivíduos no meio social e no mercado de trabalho, construindo-se um cidadão consciente e crítico.

O professor como mediador do conhecimento, volta sua atenção para esta criança, futura cidadã e suas necessidades sociais e educativas, como uma das formas de superar as dificuldades que acentuam o distanciamento entre as classes sociais, que interfere na vida dos menos favorecidos, e a educação é sua grande arma para uma sociedade com equidade, o saber ler e escrever e usar essas habilidades em práticas sociais constitui um instrumento de poder e ascensão social, possibilitando este indivíduo a ser um cidadão consciente da sociedade.

Conhecer as práticas pedagógicas realizadas no ensino fundamental, é analisar se elas possibilitam o processo de alfabetização com letramento, verificar os tipos de atividades da rotina que

predominam no período escolar, no ensino fundamental, identificando os gêneros que as crianças têm acesso na sua vivência e mundo, e o uso que fazem com os mesmos na escola, identificando as interações existentes no processo de ensino aprendizagem e analisando o nosso papel de mediador do conhecimento, o uso social que as crianças fazem do código escrito nas situações de escrita e leitura na escola e no contexto familiar. É indispensável conhecermos estas práticas para podermos repensá-las e assim contribuirmos efetivamente na forma mais efetiva da aprendizagem e no desenvolvimento das crianças na sua fase de alfabetização.

Com o presente estudo, compreende-se que devem-se romper com o modelo tradicional de ensino, visando o desenvolvimento da aprendizagem com a participação ativa dos alunos dentro da proposta da pedagogia de projetos a qual estabelece uma aprendizagem significativa, é sem dúvida uma possível solução para que o ensino consiga vencer com os antigos paradigmas da educação.

Assim, faz-se necessário que o campo educacional tenha um olhar inovador para que possa haver as mudanças na forma de ensinar, priorizando a formação de cidadãos críticos, reflexivos, participativos e conscientes de suas decisões, estabelecendo uma sociedade justa e consciente dos seus direitos e deveres.

Portanto se o objetivo da educação está fundamentada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do indivíduo é fundamental que o ensino adquira um novo método oportunizando esse conhecimento aos seus alunos.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo : Ática, 2000. p. 14

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bo-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1 Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo : Edart, 1982

CUNHA, Maria Antonieta Antunes, **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1993.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Poesia na escola**. São Paulo : Discubra, 1976.

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, A. **A psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre a Alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, R. I. **Alfabetização dos alunos das classes populares**. São Paulo: Cortez, 1993.

GRIGOLETTI, M. P. **Importância da formação de alunos leitores e algumas observações na Universidade**. Curitiba, 1995, p.7 (Monografia).

KLEIMAN, A.B.(org.). **Os significados do letramento uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MOURA, Dácio Guimarães; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com Projetos Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais**. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 2006.

PEREIRA, Cláudia Gomes. **A fragilidade das verdades: leituras e representações**. In: SOUZA Júnior, José Luiz Foureaux. (Org.) **Exercícios de leitura**. São Paulo : Scortecci, 2001.

PAIVA, José Maria de. **Educação Jesuítica no Brasil Colonial**. In: LOPEZ, Eliane Marta Teixeira (org). 500 Anos de Educação no Brasil. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.